

que ti-
pagar a
zada que
o atra-
Edith
Eco-
podia.
ttes no-
ela que
o ama-



...Um ano depois, garga-
teara coplas obscenas...

aumen-
Já lhe
as re-
eis, se-
nta do
azer-lhe
Edith
silêncio
o as re-
biam os
ser expulsa do hotel,
uas malas. Edith devia
ue nessa noite...

ao ensaio, essas decla-

miu pela manhazinha.
vinha a sair. Conversou
... Ela explica-se muito
sempre se compreende

tá sem
vestir,
as ma-
para o
estido
á todo
ei-lhe
pelos
rã rua,
vai ser
a?
cê, mi-

rianon.
enas de
comé-
ia, trê-
spedia
ciantes



A saía pelo joelho...

para um espectador obeso da
primeira fila. Repararam no
flirt e despediram-na. Passa-
ram-se meses. Certa tarde, no
Alvear, deparei com a Lydia, que
fazia a sua entrada espectacular.
Vinha na companhia de uma mu-
lher elegantemente vestida. Le-
vei a mão ao chapéu... Mas nem
a Lydia nem Edith—porque era
a dinamarquesa—corresponde-
ram ao cumprimento.

Lydia, um ano depois, gar-
ganteava umas coplas obscenas
numa salada de maxixes que fa-
zia furor no Carlos Gomes. Era
quási «estréla». Adoptara um
nome sugestivo de cartaz... Lya
Diana. Tinha automóvel, um
fazendeiro, e começava a dar au-

tógrafos para os jornais. Perdeu-me de vista...

Uma tarde, num bar calor asfixiante, a sala
cheia de fumo, sons espaçados de um jazz amo-
dorrado. À minha beira, Edith sorvia com deli-
cia um «creme Bertini». Estava linda com a
sua «jersey» de seda fina, moldando-lhe os
seios. A saía pelo joelho... Escandalosamente
pintada, olhos muito bistrados, um sorriso equi-
voco... Não a reconheceria se me não tivesse
dirigido a palavra...

—E seu marido?

—Deve estar em Inglaterra. Já não nos cor-
respondemos. E eu sei que éle não volta para
o Rio. Tenho pena, mas... é melhor assim.

—E que faz agora?

—O que pode calcular. Aceitei a vida como
ela é. Eu sou também uma vítima da guerra
—e Edith Johnson teve uma casquinada
felina. — Sofri, sofri muito. Agora, já
não. Eu era muito criança, tão criança
que pensei um dia em acabar com
a vida. Que asneira! Lembra-se
da Lydia? Se não fôsse ela,
com os seus conselhos, não sei
o que teria sido de mim! De-
vo-lhe muito!... É verdade...
Ainda a não foi ver na «Melin-
drosa de Icaraky»? É inte-
ressante! Há uma scena em
que ela se despe...

... Poor Edith Johnson!



O Dr. Carlos
Santos é um dos
mais cultos e in-
quietos espiritos
portugueses con-
temporâneos.
Viajantissimo,
não há recanto
da Europa que
de não tenha des-
cendado, consti-
tuindo os seus li-
rras, o ultimo dos
quais — «Como
eu ei a França»
—acaba de obter
um grande êxito,
leitura atrahente e
inoldivel.

Por que seria
curioso conhecer
de quem tanto
tem viajado o epi-
sódio que mais o
emocionara du-
rante as suas pe-
grinações, «Ci-
vilização» obteve
do Dr. Carlos
a interessantissi-
ma confissão que,
a seguir, publi-
camos.

POR CARLOS SANTOS

ASSIM como os médi-
cos e os advoga-
dos são vítimas
de consultas imprevis-
tas, na rua, nos eléctri-
cos—um pouco por toda
a parte, quem viaja tem
de se munir duma cou-
raça contra as perguntas
que, de todas as direc-
ções partem e o alvejam,

muitas vezes só no espírito, muitas outras no
coração... A mim perguntam-me a cada passo:
—De que gostou mais? Qual cidade é mais
bela? Onde está a mulher mais linda?... E mal
sabem os que com tanta simplicidade interro-
gam, quantas dificuldades envolve quasi sem-
pre a resposta a uma pergunta destas... Eu
interrogaria também: dos diamantes duma
coroa real qual é o mais fulgurante?... das
mil rosas dum roseiral florido qual tem melhor
perfume e nos enleia mais com sua forma e
sua cor? ...Quem responde?—Já vêm, meus
senhores, que se tornam difíceis muitas coisas

fáceis, desde que sejamos obrigados a pôr o
caso em nós... Mas agora perguntem-me
simplesmente:—«De todos os episódios das
suas viagens qual gravou na sua alma um
sulco mais profundo de emoção?»

...Já não é tão difícil! Em viagem sucedem
muitas coisas que constituem, por vezes, nes-
sas excursões do nosso corpo, a melhor digres-
são do nosso espírito... E o episódio emo-
ciona mais do que a simples observação monu-
mental ou paisagística, porque os monumentos
e a paisagem teem a fotografia que os perpe-
tua, teem todas as idades da nossa vida que
podem voltar ao encontro deles e revê-los
com os mesmos olhos...

O episódio, não!... É sempre único numa
existência. Podemos procurá-lo outra vez
anos volvidos, que o acharemos já mudado, se
o acharmos... Quantas vezes, porém, como a
agulha em palheiro, a scena dum dia, a suprema
ventura dum instante, foge, e, não se revive

NA GRAVURA: O Dr. Carlos Santos (x) em
Leningrado.

O cais, contudo, enchia-se dos excursionistas que viajavam nos outros transatlânticos. Eram magotes de estranhas gentes, vário falar, costumes e trajos vários, entre os quais descobri a elegância sóbria e correcta duma dama.

Tinha o ar seráfico duma virgem de Walter Scott, mas não sei se seria inglesa: o seu loiro era menos loiro que o das escandinavas e o seu olhar mais azul e menos frio...

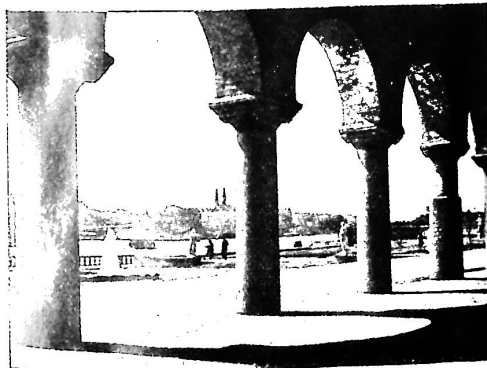
Na contusão da escadaria que baixava da avenida marginal ao mar — ela no degrau mais alto, entre magotes de excursionistas, eu já quasi ao lume de água, um pé na direcção da lancha que aproava — o ar iodado e forte embalou um olhar nosso, depois outro e outro cada vez mais agitado como a brisa que cresce... Mas, resistente, impassível ante o acaso — como todo o viajante tem de ser — agarro-me à lancha, e disponho-me a arrancar-me àquela escadaria, já então monumental... Neste momento, muito pálida, sem um desfilar, ela desce passo a passo, magestosamente, até à beira de água. Perco a cabeça!... Pregunto ao capitão se há um momento, se é possível regular ainda um negócio urgente. Vou falar-lhe... Mas em que lingua? Vou rabiscar um enderêco, e deixar-lho... Mas com que atrevimento, na cara do policia, solene, formalizado, estoico, que preside ao embarque?

— Impossível! — redarguiu o patrão da lancha, solicitando-me para dentro. — O senhor é sempre o último! Torna-se forçoso partir.

Efectivamente, os rolos de fumo do paquete ennegreciam-se como a minha alma: eram as últimas pásadas de carvão nas caldeiras e as primeiras nódoas de amargura na minha viagem.

Um silvo de se-reia, e partimos...

A minha amada dum momento, que poderia bem ter sido — se o destino quisesse — o grande amor da minha vida, petrificára-se como uma estátua na beira do cais, e olhava-me, como as estátuas olham, com esse olhar



Uma arcada de Estocolmo

definitivo e pétreo que a gente encontra sempre igual, quando o vê pela vida fora.

Com que coragem me desprendi da luz desses olhos? Por que incertas arribas troquei a segura promessa desse olhar — uma amante, uma noiva, uma esposa talvez? — Não sei! Não sei!... Em viagem, oculto motor — nervo poderoso da vida vagabunda e incerta — impele-nos, obriga-nos a marchar!... sacode-nos: não nos deixa reflectir!... Vem no caudal dum rio uma rosa que tombou: queremos colhê-la, e a água leva-a na corrente, e desfa-la no mar!

Assim se desfez o meu sonho dum momento!

Quando o barco se afastava, tive uma ideia ainda: tomei a máquina fotográfica, e pude, entre os corpos que me rodeavam, focar aquele leve, fugidio corpo. Encontrei-a a praticar o mesmo acto, tendo tido a mesma ideia...

Este retrato indeciso, muito vago, quasi imaterial como o episódio, é tudo quanto tenho dela: é tudo quanto ela tem de mim. Contemplo-a, sem saber quem é, de longe a longe — certo de que, de longe a longe ela me contempla, sem saber quem sou, na paz recolhida de algum *home* inglês ou quiçá bem perto do meu país...

Fixei-a enquanto pude, até que uma névoa — não sei se neblina do ar, se pranto dos meus olhos — ma cobriu de bruma. Fixei depois, em torno de mim, os vapores em que a supunha embarcada, e, ao partir, julguei ver numa amurada um rosto que se erguia e um lenço que se agitava na minha direcção... Era longe: o meu binóculo não foi mais explicito do que a minha

objectiva. Seria ela? Não seria?... Onde estará hoje? Viverá? Sobre este episódio, que durou momentos, pairará decerto uma interrogação que durará tanto como a minha vida, que durará tanto como a vida dela. Não duvido, pois, considerá-lo o maior episódio das minhas viagens — da minha existência, talvez.